



UMA DOCÊNCIA POR VIR: PERSPECTIVAS EM FABULAÇÃO

Carolina Ramos Nunes¹

A TEACHING TO COME: PERSPECTIVES IN FABULATION

UNA ENSEÑANZA POR VENIR: PERSPECTIVAS EN LA FABULACIÓN

¹ Doutora em Artes Visuais pela UDESC, linha Ensino das Artes Visuais. Atualmente é professora da rede estadual de Santa Catarina e pesquisa sobre fabulação e narrativas docentes. UDESC | SED-SC. <https://lattes.cnpq.br/5448524601348039> | <https://orcid.org/0000-0002-6847-4603> | c.nunesra@gmail.com

RESUMO

Como construir um percurso docente em uma narrativa em que a fabulação e a literatura irrompem escrita afora, atravessando não só o texto, mas também as vivências em arte educação contemporânea? Mesmo que a procura por respostas seja o que move uma pesquisa, nesta escrita, move o desejo de fabular no percurso entre o ser e o estar docente, que não procuram estabelecer verdades, nem nomear acontecimentos, causos, docentes e escolares, mas visam criar uma docência em Artes Visuais sempre por vir. Nesta relação, o ser docente marca um estado em suspensão, em movimento de pausa, enquanto o estar docente alinhava um movimento, rompe com a linearidade da formação e deriva em possibilidades narrativas, exploradas com o compartilhamento de narrativas de algumas professoras e professores do estado de Santa Catarina, que, embora situados em um amplo local geográfico, possibilitam criar devires próximos ao exercício docente em uma sala de aula, seja aqui ou acolá. Fabular uma docência em artes consiste de narrativas, singulares e coletivas, pois fala a um povo por vir, em uma língua menor, sempre em movimento. Nessa concepção, as falas dos docentes compartilhadas no texto não ganham nome ou sobrenome, mas sim um espaço para falar sobre a realidade da docência, em uma espécie de língua estrangeira, de tal modo que possa alcançar a fabulação nos interstícios da linguagem.

Palavras-chave: Fabulação. Formação docente. Ser/estar docente. Artes Visuais.

ABSTRACT

How to build a teaching path in a narrative in which fabulation and literature break through writing, crossing not only the text, but also the experiences in contemporary art-education? Even if the search for answers is what moves a research, in this text, it moves the desire to fable in the path between being and feeling teacher. This is composed do not seek to establish truths, nor to name events, stories, teachers, and students. However, they aim to create a teaching in Visual Arts always to come. In this relationship, being a teacher marks a state in suspension, in a paused movement, while feeling a teacher aligned a movement, breaking with the linearity of training and deriving in narrative possibilities. Such things are explored with the sharing of narratives by some teachers in the State of Santa Catarina. Although located in a wide geographic location, these educators make it possible to create becomings close to the teaching practice in a classroom, whether here or there. Fabulating a teaching in arts consists of narratives, singular and collective, as it speaks to a people to come, in a minor language, always in motion. In this conception, the teachers' speeches shared in this text do not gain a name or surname, but a space to talk about the reality of teaching, in a kind of foreign language, in such a way that it can reach the fabulation in the interstices of language.

Key words: Fabulation. Teacher training. Being/feeling a teacher. Visual Arts.

RESUMEN

¿Cómo construir un camino didáctico en una narrativa en la que la fabulación y la literatura se abren paso a través de la escritura, cruzando no sólo el texto, sino también las experiencias en la educación artística contemporánea? Si bien la búsqueda de respuestas es lo que mueve una investigación, en esta escritura mueve el deseo de fabular en el camino entre ser y sentirse docente, que no buscan establecer verdades, ni nombrar hechos, historias, maestros y alumnos. Sin embargo, pretenden crear una enseñanza en Artes Visuales siempre por venir. En esta relación, ser docente marca un estado en suspensión, en un movimiento pausado, mientras se siente docente alineado con un movimiento, rompiendo con la linealidad de la formación y derivando en posibilidades narrativas. Tales cosas son exploradas en el diálogo con el intercambio de narraciones de algunos maestros en el Estado de Santa Catarina. Aunque ubicados en una amplia ubicación geográfica, estos educadores permiten crear devenires cercanos a la práctica docente en un aula, ya sea aquí o allá. Fabular una enseñanza en artes consiste en narrativas, singulares y colectivas, como habla a un pueblo por venir, en una lengua menor, siempre en movimiento. En esta concepción, los discursos de los docentes compartidos en este texto no ganan un nombre o apellido, sino un espacio para hablar de la realidad de la enseñanza, en una especie de lengua extranjera, de tal manera que pueda llegar a la fabulación en el intersticios del lenguaje.

Palabras clave: Fabulación. Formación de profesores. Ser/sentirse maestro. Artes Visuales.

Fabulação

Como falar da realidade sem se tornar um autômato de seu discurso, caindo em armadilhas deixadas há muito tempo em um terreno lodoso? Desejo de ficção é uma possibilidade. Escrever como quem escreve uma carta, ou um livro, ou uma poesia. Todas essas possibilidades, ao mesmo tempo, podem ou não ser uma fabulação. Mas o que as diferencia? Assim como um livro pode ser lido como um conteúdo teórico para uns, em outros, reverbera como poesia. Enquanto um registro de aula pode ser um diário de professor, em outros movimentos, pode tornar-se uma potência de infinitas possibilidades e desdobramentos.

Fabulação, enquanto conceito atravessado em Deleuze e capturado por Ronald Bogue, o qual em um desdobramento sobre modos que o autor escreve sobre e com literatura, a tange. Na possibilidade de uma escrita fluida e gaguejante, ele propõe que uma narrativa fabulante, ou em vias de fabulação, depreenda “cinco componentes: devir-outro, experimentação no real, mito, invenção de um povo por vir, e desterritorialização da linguagem” (BOGUE, 2011, p. 21).

O mesmo autor propõe que uma abordagem narrativa, dispondo-se a um estado de fabulação, contemple que o devir-outro envolva “uma passagem entre categorias, entre formas de existência e entre corpos distintos, de modo que elementos estáveis sejam colocados em desequilíbrio metamórfico” (*ibidem*). Sendo assim, o *ser* e o *estar* docente compreendem as passagens de uma mesma existência, metamorfoses de si, que atravessam a escrita situando pausas, contínuos, solavancos e anunciações de devires por vir.

Concebe-se que a figura docente em arte é constantemente metamorfoseada, seja por ela própria ou pelas políticas educacionais, que a cada década provocam desafios (sejam eles nefastos ou não). Discorrer sobre a docência em artes visuais em fabulação, sob a perspectiva da tensão entre *ser* e *estar*, é um dos desejos desta escrita.

Ao se intencionar experimentar no real, tem-se o soar de uma batalha dentro de uma guerra. Um movimento de aproximação com o ambiente escolar sob vistas da docência em arte é sempre uma perspectiva. Essa realidade é uma máquina de guerra, que se constrói durante o avanço nas trincheiras. Aproximar a ficção do ambiente acadêmico é uma das armas aqui utilizadas; outra é a aproximação dessa mesma ficção à realidade e ao cotidiano escolar, isso para que não se crie um idioma sem dicionário, um monólogo tedioso sobre algodões de umbigos. Como todo combate, não se sabe quem vence até que o fim seja estabelecido por ambas as partes, mas fica demarcada, como um dos objetivos, a aproximação de um docente em artes visuais que seja de carne, poesia e ossos.

Respeitar as individualidades, dando corpo a uma docência coletiva, bem como manter seus apontamentos coerentes, perpassa por um longo telefone sem fio que será explorado na breve fabulação que segue. Passados e presentes são condensados em folhas sem pauta com caracteres alfabéticos: um pequeno inventário de afetos compartilhados em cada conversa. Com isso, olha-se para os não ditos, para os não vistos, para os escondidos da memória. “Sem dúvida, tal experimentação no real exige um confronto do presente e do passado, já que o mundo em que vivemos é produto de uma história complexa de acontecimentos que moldaram, e continuam moldando o presente” (*ibidem*, p. 23).

Romper com a história e a cronologia é uma das premissas do acontecimento. Ele não rompe apenas com a temporalidade histórica, mas com o próprio modo de mensurar cronologicamente o tempo. Se a história se tratar apenas de reflexos de acontecimentos delimitados por uma perspectiva do futuro, de que adiantaria imitá-la? Não estaríamos apenas tapando nossos olhos para as reverberações possíveis do acontecimento em nossa época?

E, com isso, Deleuze propõe um romper com a sucessão de eventos, considerada pela história, para a concepção do acontecimento. “O fim é a sombra reativa de uma emergência, o contrassenso por excelência

sobre o acontecimento” (ZOURABICHVILI, 2016, p. 47). O fim demarca a distância, a transição, ilustrando os fatos de modo a delimitá-los em suas épocas. Já o acontecimento propõe um olhar para as rupturas; mensurar as fissuras e distâncias tornando-as independentes, dando-lhes potência para reverberar em qualquer temporalidade; dar vistas às estrelas das pálpebras.

Pergunto-me: Como mensurar os distanciamentos na educação? A pergunta salta para: Quando não medimos estas distâncias ao pensar criticamente sobre o papel contemporâneo da educação, da arte educação e do papel da escola para a construção de uma sociedade que tateia por modos de compreensão da realidade? Como a arte e a docência podem contribuir?

Continua-se o desenrolar deste fio estendido até que ele chegue a uma figura, a docente. Fabular a docência seria instaurar, de forma ousada, uma outra linguagem na escola, chamejando na figura multiforme de professora possível na contemporaneidade. A docência é uma constante. Seja em termos filosóficos como também a nível quântico. Não se entra na profissão sem que, diariamente, cada átomo do corpo encontre-se em constante movimento de *big bang*, do fora, “cosmologia das galáxias, o futuro, a evolução, todo um sobrenatural que faz o mundo explodir” (DELEUZE, 2018, p. 298).

“Trabalhar *com* arte envolve rever a questão da arte como linguagem e percepção, e também com ênfases que são colocadas, tanto no ensino recognitivo sobre um saber específico quanto em identidades representativas para o professor” (SCHMIDLIN, 2013, p. 81). Nessa perspectiva, tem-se ainda a necessidade de rupturas de representações de trabalhos *sobre* arte que, por mais que estejam longe das décadas de 60, 70, 80 e 90, ainda acabam por perdurar no imaginário docente algumas de suas imposições.

Seria, então, resistir ao (in)tolerável do presente confinamento que as estratégias educacionais (enquanto instituição) impõem ao professor, e tentar escapar do aprisionamento da educação para inventar novas dobras ou outros modos de uma educação ainda e sempre ‘por vir’. Pensar sob essa perspectiva é resistir, combater, ir ao encontro de forças que desestabilizam o que se encontra fixo e imóvel (SCHMIDLIN, 2013, p. 93).

A formação docente é uma prévia desses movimentos interestelares que irrompem na superfície escolar. E com um desejo de ruptura das leis de causa e efeito, a fabulação seria um astrolábio afinado para os tempos contemporâneos na educação.

Tem-se uma linha disruptiva na concepção de tempo e espaço com os quais estaríamos habituados. Muito se fala sobre a formação docente. Muito se escreve sobre a formação docente nos ambientes acadêmicos. Walter Kohan (2013) já enfatizava com sobriedade sobre estarmos “em um tempo em que a escrita parece ter se distanciado da vida. Pelo menos nesse mundo acadêmico que habitamos e que aparenta ter construído um mundo próprio, com suas próprias regras, sua própria vida, às vezes sombria, apagada, esquiva, de costas para o mundo da vida” (p. 20).

Paola Zordan (2019, p. 68) compreende a fabulação como uma “imagem figurada para um complexo de acontecimentos”. Em se tratando de acontecimentos, sob a perspectiva de Deleuze (2006), eles são uma relação em multiplicidade com a existência e no tempo. Enquanto que, para ele, a fabulação age “enquanto uma faculdade de criação, mas uma criação que passa pelo finito para restituir o infinito” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 233).

Contudo, escreve-se sobre a formação docente para versar com a fabulação, para criar uma língua estrangeira dentro da língua dominante (DELEUZE, 2018). Seja para falar de fabulação, da imagem figurada ou de acontecimentos, é necessário, antes disso, situar sobre o que estamos

falando de modo geral. Masschelein e Maarten (2018) citam uma língua da escola, uma linguagem que acontece dentro dos muros da instituição.

No entanto, esse universo escolar é criado, ou seja, é artificial, bem como a língua utilizada nele: difere-se da língua falada na rua, nas conversas informais, nas redes sociais, no mundo para além dos muros da escola. Em contrapartida à crítica sobre como funciona a linguagem de dentro da escola, os autores definem que:

O que a forma escolar faz (se funciona como uma escola!) é o duplo movimento de trazer alguém para uma posição de ser capaz (e portanto transformar alguém em um aluno ou estudante), o que é ao mesmo tempo uma exposição a algo de fora (e assim um ato de apresentação e exposição do mundo) (MASSCHELEIN; MAARTEN, 2018, p. 22).

Portanto, para falar sobre a docência, precisa-se antes situar sobre a escola, ou quiçá ainda mais, precisa-se dissertar sobre o mundo. Mas como a dimensão cósmica ultrapassaria um tempo cronológico, opta-se, portanto, por intensificar os olhares para a formação docente conquanto em fabulação.

Em continuação, acerca das conversas realizadas com docentes de artes visuais durante 2020 e 2021, suas individualidades reverberam em coletividades, já antecedendo a premissa da criação de um povo por vir, como argumenta Bogue (2011, p. 23): “personagens em fabulação assumem identidades individuais e coletivas que são inseparáveis”. Assim, a professora sem nome, pode ser eu, ou você, ou nenhum de nós. Ela é dona de sua própria trajetória criada por si e por muitos.

Ao propor a criação de um povo por vir, já que que compete à função fabuladora inventar um povo” (DELEUZE, 2011, p. 14), na perspectiva de uma coletividade acerca de uma docência em artes visuais que atravessa uma fabulação, não há conclusões. Não se tem uma professora ideal, uma ideia de professora, um conceito de professora, uma verdade de

professora, nem uma professora de verdade. Constrói-se uma faceta de uma professora. Uma professora que, por ironia, não possui face; ela é um e muitos. “A única esperança de uma coletividade genuína passa por um devir outro colaborativo entre artistas e público, que juntos construirão um ‘povo por vir’, cuja natureza e identidade não podem ser previstas” (*ibidem*, p. 25).

Ficcionalizar a realidade concebendo uma narrativa em fabulação para a escritura de uma tese é uma das perspectivas de desterritorialização da língua, que por premissa “buscam criar uma língua dentro de sua própria língua” (*ibidem*). O real dá espaço para o ficcional, sem sair de cena. Cria composições de imagens do pensamento, fazendo um convite para adentrar na coletividade de um docente de artes por vir.

Para isso, justifica-se que postura filosófica é escolhida para fins desta escrita. Deleuze é o intercessor utilizado para criar conversas com a arte e a filosofia. Junto dele ainda há outros tantos que se aproximam de forma tão abrupta, tal como se afastarão, mas que, por ora, deixam a surpresa do acaso nos acometer.

Partilha-se, portanto, a noção de filosofia enquanto criadora de conceitos, ou ainda, do pensar enquanto criação filosófica. “Para criar, tanto em filosofia quanto na arte ou na ciência, pensar envolve um abalo não sendo, portanto, algo inato ao sujeito que pensa. [...] A postura de um pensamento como uma noção ativa, não reflexiva.” (NUNES e SCHMIDLIN, 2021, p. 33)

A força dos astros

“Somos feitos de material estelar”, afirmou Carl Sagan no primeiro episódio do documentário *Cosmos*. Já Zourabichvili (2016, p. 68), ao falar sobre o conceito de força em Nietzsche, a descreve enquanto existente “em relação, isto é, em exercício. E ainda mais: ela está em relação com outra força, pois seus efeitos superiores são de dominação e não de

simples destruição” (*ibidem*).

A figura docente existe na relação com estudantes, assim como existe com o conhecimento, e com a escola, e com o mundo. A relação é infinita e, talvez, incalculável, tal como as distâncias até a borda do universo.

A matéria estelar, que propiciará o deslocamento das forças em convergência ou divergência, não é mensurável. Elas são de outra ordem, não quantitativa – ousa afirmar que nem qualitativa. São da ordem dos afetos. Os afetos enquanto afectos. “Os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 193-194). “O acontecimento, de uma outra natureza que as ações e paixões do corpo. Mas ele resulta delas: o sentido é o efeito das causas corporais e suas misturas” (DELEUZE, 1974, p. 97).

Nessa perspectiva, o acontecimento tem, como objetivo, capturar as linhas de força em vibração com a fabulação, que serão evidenciadas nas partilhas com outras professoras e professores de artes.

A fabulação aqui se torna um recurso filosófico de ressignificação de mundos, de ruptura com os tecidos estabelecidos pelo campo da educação, sem negá-los, mas criando meios de apropriação do indivíduo para que ele possa transformar o mundo com essas ferramentas.

O acontecimento não é a conclusão, nem sequer um evento. Ele pode encarnar-se em um estado de coisa, mas quando em acontecimento, o passado e futuro são suspensos para que haja apenas o presente. E, com isso, a individualidade e a personalidade são rompidas, para que a ordem do acontecimento seja dele próprio, no instante do acontecimento: linhas de atravessamento em um instante que são das mais múltiplas ordens. Um acontecimento ideal seria uma singularidade,

[...] ou melhor: é um conjunto de singularidades de pontos singulares que caracterizam uma curva matemática de estados de coisas físico, uma pessoa psicológica e moral.

São pontos de retrocesso, de inflexão etc.; desfiladeiros, nós, núcleos, centros, pontos de fusão, de condensação, de ebulição, etc.; pontos de choro e de alegria, de doença e de saúde, de esperança e de angústia, pontos sensíveis, como se diz (DELEUZE, 1974, p. 55).

Ora, se o acontecimento não é do indivíduo, como usá-lo como possibilidade para pesquisa com vistas a fabular narrativas de pessoas cujas trajetórias são únicas? Cujos destinos afunilaram-se na formação docente em artes visuais? Onde está o problema?

O problema é, pois, saber como o indivíduo poderia ultrapassar sua forma e seu laço sintático com um mundo para atingir à universal comunicação dos acontecimentos [...]. Seria preciso que o indivíduo se apreendesse a si mesmo como acontecimento. E que o acontecimento que se efetua nele fosse por ele apreendido da mesma forma como um outro indivíduo nele enxertado (ibidem, p. 183-184).

Ainda que o indivíduo vislumbre o acontecimento, enquanto ainda instaurar-se uma ruptura de temporalidade, não será possível compreender-se a si próprio enquanto acontecimento. “Tais singularidades não se confundem, entretanto, nem com a personalidade daquele que se exprime em discurso, nem com a individualidade de um estado de coisas designado por uma proposição” (ibidem, p. 55).

Quando se propõe uma relação de distâncias entre acontecimentos, seria para distingui-lo do conceito e aproximá-lo do movimento, onde não se fundam dualidades ou diferenças, mas intensidades, distanciamentos e proximidades. E, com isso, quando o ser permite-se compreender como um acontecimento, atravessado por outros acontecimentos, é possível mensurar as distâncias, torná-las narrativas que existem em um tempo que fugirá do cronológico: entrará na ordem da fabulação como uma forma de romper a realidade por ela própria, usurpando-lhe

elementos, tornando-os relações de distanciamentos entre realidade e acontecimentos.

Ao romper no tempo e no espaço pela narrativa, o acontecimento usa das linhas que fugiram das pontas ruídas do tecido da realidade para mensurar distanciamentos que o atravessam. Assim, seria na formação docente, um percurso que prevê que as narrativas sejam devoradas pelos participantes, ao mesmo tempo em que são reelaboradas com suas próprias linhas, as quais carregam consigo durante o exercício da profissão.

Destino sem fim

Com um bilhete só de ida, localizado no meio de outros papéis que fora juntando ao longo da semana de aula, ela olha, atônita, para o pedaço brilhante entre seus dedos. Quem o havia colocado ali? Naquela semana, tudo passara com nenhuma normalidade, como esperado em uma escola. Já se sentia dentro da toca do coelho rumo ao País das Maravilhas, mas ainda lhe faltava o coelho para seguir.

O ser docente interrompe trajetórias, uma formação concentrada em forma, concebendo um horizonte-limite das lembranças fossilizadas sobre professoras e professores que travessam nosso percurso. Uma rigidez sob um céu de possibilidades.

Passando seus dedos na escrita em alto relevo do convite ao movimento, sentia uma força que lhe atravessava puxando todos os seus membros, cada um para um lado. Era como estar em aula com as turmas menores e mergulhar nas inúmeras fantasias junto com eles, todas ao mesmo tempo. Uma professora e muitas. Um par de olhos e muitos. Um par de braços e muitos. Um par de orelhas e muitos.

Estar docente irrompe-se ao acontecimento, em delito de fabular, em risco, em instabilidades, a infinidades. Configura-se como habitantes

alvoraçados de uma comunidade pequena, porém muito convidativa.

Em estado de devir, como seria se a nossa professora, em viagem fantástica, escapasse pelo portão de uma escola localizada na esquina do universo, para explorar esse canto em curva, sem precisar seguir as patas peludas de um coelho? Como seria virar pó de estrela e orvalhar por cada minúscula fresta do lugar que lhe era destino de ofício? Conforme Nunes e Schmidlin (2011), a escola aqui traçada como uma extensão de uma comunidade; um espaço gerador de uma necessidade de andarilhar.

Nesse bairro, ou se habita nele de modo condescendente com suas condições, ou se é um eremita desordeiro que nega ficar no mesmo lugar sem ousar sair dele. O estar, nesse caso, é sempre a possibilidade de escapar, é tornar-se um estrangeiro em sua própria casa. Ser um morador desse bairro é enfadonho e monótono. É olhar pela janela da sua casa, já sabendo exatamente tudo que lhe acontecerá ao atravessar o portão. É deixar criar raízes sobre pisos cerâmicos, que não possuem nutriente algum, a não ser a cerâmica inerte de onde vertem os goles de água entre uma aula e outra. (NUNES e SCHIMIDLIN, 2021, p.37)

Nessa viagem ao centro do nada, começar a parecer com outros de seus habitantes poderia ser um bom sinal, já que isso mostrava que ela já não era a mesma, quando ali entrou com seu singelo pedaço de papel brilhante e algumas pontas de lápis no bolso.

Em meio a tantas perguntas suscitadas pelo exercício constante do ofício, sem a certeza de respostas, nossa protagonista está sentada em uma escola ao mesmo tempo próxima e distante. Trata-se disso a fabulação: uma bênção e ao mesmo tempo uma maldição (apropriando-me do que Bergson postulou ao escrever sobre o conceito).

Bênção, por ser uma liberdade literária que preciso para falar de temas que me afogam com densas leituras filosóficas, educacionais e artísticas.

Mas uma maldição, por ser um fardo criado e que está sendo disposto para outros carregarem.

Bergson (1978) apresenta seu conceito a partir de seres com a fortuita noção de que morrem, cuja natureza forneceu a capacidade de fabulação, como um equilíbrio à existência em sociedade; e, para isso, ele cria uma série de relações envolvendo a criação de mitos e religiões até a concepção de causa e efeito sob a perspectiva de uma racionalidade científica contaminada pela inventividade.

Fabular, nesse caso, é escrever sem saber como retornar ao espaço temporal de onde se saiu. Varrer de si vestígios para mergulhar neles outra vez. É ter a incerteza de como narrativas reverberam na formação de uma professora e um professor de artes visuais. Apresentar a dubiedade das possibilidades, não suscitando verdades, mas convidando a pensar sobre como estas são e estão criadas, e como se pode utilizar delas para mudar o mundo.

Quanta pretensão!

E lá vamos nós com o complexo do Chapeleiro outra vez. Mudar o mundo não quer dizer revolucionar o sistema, virar pelo avesso tudo aquilo que temos instituído, mudar a escola, mudar a figura docente, mudar o coletivo estudante, mudar a arte, mudar o pensar. Mas também pode ser que seja isso. Mudar o mundo é mergulhar de cabeça nas fendas criadas nas escolas e ir parar do outro lado do universo, vendo simulacros de instituições, das quais, de muitas características, temos completa aversão e repulsão, enquanto outras estão ali, esperando serem convidadas para um café.

As questões apresentadas no referido espaço são das representações, ou de forma mais clara: os clichês. Deleuze (2018) fala sobre as imagens clichês, em que apresenta o conceito na perspectiva de uma narrativa cinematográfica e de como as imagens estão à mercê de um poder e, ao

mesmo tempo, alerta que toda imagem tende a esse clichê. Sob essa perspectiva, percebe-se que muito de nós, professoras e professores, não nos pertencemos, mas somos um reflexo do outro.

Quando Pereira (2013) apresenta uma estética da professoralidade, ele se refere a como esse professor é “formado”, quais e como as muitas referências estão ali presentes e reverberam no seu modo de *estar docente*. Ousa-se dizer que seria difícil algum docente não se identificar com nenhuma passagem do seu livro/tese. Uma captura é possível pelo subcapítulo “O professor: fábula de um personagem não muito fictício”; e a armadilha foi tão grande, que houve a necessidade de controlar os dedos para não inserir uma citação gigante com toda a trajetória de um professor de trinta e poucos anos de idade e quinze de docência para então marcar, com inúmeras notas, onde meu percurso se aproximou ao dele. Inclusive, o impulso que me fez saltar para o outro lado do Universo:

Por primeira vez o professor deu-se conta de que podia ser, antes, um propositor. [...] E, ao molde de Deleuze, produzir sua cura: deixar de ser um dador de aulas e construir pouco a pouco sua professoralidade. Por primeira vez sentiu-se professor. Aproximava-se daquela imagem do professor que, em vez de propor gestos a serem reproduzidos, emitia sinais a serem desenvolvidos na diferença (estou praticamente citando Deleuze [1988, p. 54]). Em vez de plantar representações, investiga as raízes das repetições (PEREIRA, 2013, p. 206).

Esta imagem permanece presente ainda instalando uma força potente que rompe com a representação e cultiva outros modos de viver com elas.

O fim está próximo [...]

[...] mas é apenas o começo. Sentiu que o seu tempo, sentada lá, na escola simulacro de um mundo distante, estava chegando ao fim. E,

em uma breve piscada de olhos por falta de café, todo o som voltou ao normal, dando então a noção de que não ouvia bem os ruídos à sua volta no lugar tão, tão distante. Retornou para a cena do encontro de seu bilhete em meio a inúmeros papéis, mas para dali escapar para lugares outros, infinitos, ainda que pareçam infinitesimais, ainda por vir.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **As duas fontes da moral e da religião**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BOGUE, Ronald. Por uma teoria deleuziana da fabulação. *In*: AMORIM, Antonio Carlos; MARQUES, Davina; DIAS, Susana Oliveira (orgs.). **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...** Petrópolis, RJ; Brasília, DF: De Petrus; CNPq, 2011. p. 17-35.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 2: Imagem-tempo**. São Paulo: Editora 34, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

KOHAN, Walter. **O mestre inventor: relatos de um viajante educador**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. A língua da escola: alienante ou emancipadora? *In*: LARROSA, Jorge. **Elogio da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

NUNES, C. R.; SCHMIDLIN, E. Ser e Estar professor em modos de fabular. **Revista GEARTE**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2021. DOI: 10.22456/2357-9854.105140. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/>

article/view/105140. Acesso em: 10 dez. 2022.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

SCHMIDLIN, Elaine. **Paisagens**: arte e educação na impermanência da margem. 2013. 143 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PEED1015-T.pdf>.

ZORDAN, Paola. **Gaia Educação**: arte e filosofia da diferença. Curitiba: Appris, 2019.

ZOURABICHVILI, François. **Deleuze**: uma filosofia do acontecimento. São Paulo: Editora 34, 2016.

Artigo submetido em: 08/10/2022

Aceito em: 17/12/2022